



Qual é a música? Corpos femininos e escolhas musicais

What is the music? Female bodies and musical choices

Maria Cecilia Araujo Rodrigues Torres
ceciliatorres@brturbo.com.br

Resumo: Este trabalho, desenvolvido na perspectiva dos Estudos Culturais, apresenta alguns aspectos da cultura da dança e da música, os quais apontam para a questão das diferenças de performances e de corpos, delineando distinções entre as identidades musicais e, desta maneira, entre gostos musicais. As análises partem das *narrativas de si*, orais e escritas, de um grupo de 20 alunas de um Curso de Graduação em Pedagogia e também professoras do Ensino fundamental, por meio das memórias musicais de diferentes épocas da vida. Trata-se de uma pesquisa biográfica, sendo que, ao final das análises, destaco que emergiram as escolhas e as influências musicais da época da infância, da adolescência e a da vida adulta entrelaçadas aos diferentes grupos, bandas, ritmos e discursos midiáticos. Foram escolhas musicais ecléticas, incluindo estilos como samba, pagode, hip-hop, música sertaneja, MPB, valsas, dentre outros, compondo os repertórios que as entrevistadas escolheram para ouvir, cantar ou dançar.

Palavras-chave: narrativas femininas, escolhas musicais, corpos.

Abstract: This paper, which is developed under the perspective of Cultural Studies, presents a few aspects of the culture of music and dance that point to the issue of the differences in performances and bodies, outlining distinctions between musical identities and, in this sense, between musical tastes. The analysis starts from self-narratives, both verbal and written, of a group of 20 students of a pedagogy undergraduate course who are also elementary school teachers, through musical memories of different times of their lives. It is a biographical investigation, and in the end of the analysis I highlight that their musical influences and choices emerge from their childhood, adolescence and adult life, intertwined with different groups, bands, rhythms and media discourses. There are eclectic musical choices, including styles such as samba, *pagode*, hip-hop, *sertanejo*, Brazilian popular music, waltz, among others, constituting the repertoires that the interviewees have chosen to listen to, sing or dance.

Key words: female narratives, musical choices, bodies.

Introdução

Este texto envolve questões oriundas das narrativas, orais e escritas, de um grupo de 20 alunas de um curso de Pedagogia, acerca de

suas identidades musicais e identidades de professoras, a partir de uma pesquisa de cunho autobiográfico. Ao iniciar as primeiras leituras *sobre* narrativas e identidades de/sobre músicas, fui percebendo a necessi-

dade de mesclar idéias de autores de diferentes campos, tais como Educação Musical, Estudos Culturais, Sociologia e Educação, imbricadas com histórias de vidas, carreiras, corpos, sentimentos e memórias.

Para contemplar a complexidade de abordagens que o tema suscitou em mim, destaquei alguns movimentos dos corpos das entrevistadas para compor, juntamente com as trilhas sonoras selecionadas por elas, este trabalho.

Considero pertinente, também, apresentar alguns fragmentos que constituíram esta pesquisa biográfica, a partir das narrativas orais e escritas deste grupo de 20 mulheres. Abordarei, especificamente, as estratégias com entrevistas orais e com autobiografias musicais¹, inseridas num campo de trabalho da pesquisa biográfica e das *narrativas de si*. As narrativas orais são as entrevistas semi-estruturadas realizadas a partir de um roteiro de nove perguntas a respeito das lembranças musicais. Em narrativas escritas, englobo as autobiografias musicais que cada uma destas mulheres escreveu, trazendo questões que envolvem as memórias musicais de cada fase da vida, passando pela infância, adolescência e chegando ao momento de vida adulta, como professoras ou futuras professoras, compondo, desta maneira, as identidades musicais delas.

Ao longo do trabalho, garimpei autores - para compor o referencial que engloba identidades musicais, narrativas de si e memórias - como Novoa (1995), Goodson e Sikes (2001), Roberts (2002) e Frith (1996), que desenvolvem pesquisas nessas temáticas. Ainda com a intenção de focar algumas especificidades do método biográfico relacionadas a essa pesquisa, trago as concepções apresentadas por Ferrarotti (1988), ao considerar os dois tipos de materiais mais utilizados em estudos que optam por essa abordagem: os materiais biográficos primários (que são as narrativas e os relatos autobiográficos) e os materiais biográficos secun-

dários (que são as correspondências, os diários, as fotografias, os documentos oficiais). O autor ressalta que, nas versões tradicionais do método biográfico, os pesquisadores freqüentemente preferem os materiais secundários aos primários, mas ele prossegue defendendo o seu ponto de vista quanto à escolha de uma abordagem que valorize os materiais primários e veementemente argumenta explicitando os motivos que basearam a sua opção, dentre eles o fato de trazer essa “subjetividade explosiva” que ele aponta no método biográfico, pontuando que

devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza objetiva do material primário que nos interessa, mas também e sobretudo a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca, entre o narrador e o observador. (Ferrarotti, 1988, p. 25).

É nesta perspectiva que articulo as narrativas orais e escritas das entrevistadas com as idéias e concepções dos autores que embasam esta pesquisa. É um trabalho de amalgamar memórias musicais com fatos, pessoas e momentos vividos.

Gosto e identidade musical: narrativas femininas

Acerca das questões que constituem as identidades, – especificamente, identidades musicais – nos limites deste texto, conceitos como diferença, gênero, hibridismo, contextos, subjetividade foram se caracterizando como pressupostos para poder conhecer e analisar as narrativas do grupo de entrevistadas.

Stuart Hall (2000), na obra organizada por Silva – *Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais* –, traz a argumentação de que

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu sentido tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (Hall, 2000, p. 109).

Para Hall (1997), em seu artigo *Who needs identity?*, tem havido, nos últimos anos, uma considerável explosão discursiva em torno do conceito de identidade. O autor centra sua análise na “posição estratégica” de identidade e nas concepções de tempo, discursos, história, e comenta:

Aceita-se que as identidades não sejam nunca unificadas e, no final dos tempos modernos, sejam cada vez mais fragmentadas e fraturadas: nunca singulares, mas múltiplas e construídas através das diferenças, freqüentemente com intersecções e antagonismos, discursos, práticas e posições (Hall, 1997, p. 4).

Olssen (1999, p. 35), examinando o tema das identidades em sua obra *Michel Foucault, materialismo e educação*², destaca algumas características e suscita dúvidas, observando que as “identidades estabelecidas são indicadores culturais de que sua estabilidade e coerência podem ser

¹ Trago o conceito de **autobiografia** apresentado por Roberts (2002) no glossário de sua obra *Biographical Research*, como o contar, por uma pessoa, sua vida de forma oral ou escrita. Ao contar ou à narrativa podem-se acrescentar materiais visuais, como fotografias, e a vida pode ser apresentada sob a forma de vídeo ou CD. Nessa pesquisa trabalho com essas perspectivas de autobiografia, no momento de ouvir e ler as *narrativas de si* das entrevistadas.

desafiadas permitindo o estabelecimento de outras identidades”. O autor analisa o trabalho de Foucault com um olhar para a noção das identidades como “representações”, que não seriam, portanto, vistas nem como únicas e estáveis, nem como fixas. Estas idéias podem ser imbricadas com os múltiplos discursos e tópicos envolvendo o significado de subjetividade e a construção das identidades.

Outro enfoque acerca deste tema vem de Stokes (1994), em livro que discute as identidades e a construção dos lugares musicais. Nele, o autor exemplifica a noção de identidade cultural expressa através dos movimentos migratórios e de relocação de população de migrantes, que, ao ocuparem “novos” espaços geográficos, levam suas experiências musicais, que são mescladas com as experiências musicais locais. Stokes explicita um exemplo com diferentes manifestações ou eventos musicais, comentando que

o evento musical, da dança coletiva ao ato de colocar um CD numa máquina, evoca e organiza memórias coletivas e apresenta experiências de lugar com intensidade, poder e simplicidade, que não são igualadas por nenhuma outra atividade social. Os “lugares” construídos através da música envolvem noções de diferenças e fronteiras (Stokes, 1994, p. 4).

Fazendo ilações entre as idéias acerca de identidades e os diversos lugares que ocupamos no cotidiano, alguns autores ressaltam que a identidade não parece ser algo do qual somos proprietários, mas, sim, algo que fazemos, constituindo-se em uma realização prática, adquirida e mantida pelo uso da linguagem.

Destaco, nessa linha, o pensamento do educador musical Simon Frith (1996) como uma tentativa de relacio-

nar estas questões discutidas que envolvem identidade musical e música popular, assim como de se buscar fazer as possíveis conexões com a produção e o consumo de música por meio de grupos jovens diversificados. Artigo a abordagem de Frith com diversos momentos das entrevistas, pois foram também momentos de partilhar com as entrevistadas alguns aspectos relacionados com minhas histórias e concepções musicais, meus interesses e preferências, a partir de referências musicais, questões de seleção de repertório e gosto musical. Para o autor, ao prosseguir sua discussão acerca de identidade e gosto musical, “o prazer musical nunca é somente uma questão de sentimentos, é também uma questão de julgamentos” (Frith, 1996, p. 115). Este aspecto permeou as narrativas de muitas alunas participantes dessa pesquisa.

Compartilho também do questionamento proposto por Vila (1996) no seu trabalho sobre identidades narrativas e música, em que o autor enumera vários pontos para uma discussão e reflexão envolvendo o tema da constituição das identidades musicais. Vila pergunta:

“Por que diferentes atores sociais (sejam estes grupos étnicos, classes, subculturas, grupos etários ou de gênero) se identificam com certo tipo de música e não com outras formas musicais?”.

O autor comenta que esta pergunta tem sido respondida de múltiplas maneiras, nos últimos anos, e que uma das respostas vem do campo de estudos da escola subculturalista inglesa, explanando que,

de acordo com esta escola, se por um lado diferentes grupos sociais possuem diferentes tipos de capital cultural, por outro lado compartilham diferen-

tes expectativas culturais, e desta maneira se expressam musicalmente de diferentes maneiras. (Vila, 1996, p. 3).

Para encerrar esta seção, escolhi mais uma abordagem de Vila (1996), que examina várias relações possíveis entre música e identidade, como a proposta pela escola subculturalista inglesa acima referida, que entende que os estilos musicais específicos estariam conectados a classes sociais e subculturas bem definidas. O autor entende que tal relação é muito rígida e não explica alguns fatos como “mudanças nos gostos musicais de atores sociais que ou não mudaram sua posição estrutural na sociedade ou não modificaram os traços básicos de sua subcultura” (Vila, 1996, p. 3). Além disso, o autor observa que essa explicação não dá conta de classes sociais ou subculturas que adotam diferentes estilos musicais ao mesmo tempo.

Examinando outra idéia – a de que atores sociais bem diferentes podem ser interpelados por um mesmo tipo de música –, Vila observa que isso se deve à complexidade dos códigos e significados (não apenas propriamente musicais, mas também sociais) que a música encerra.

Identidade, corpo e música: entrelaçamentos possíveis

Fazendo conexões entre música e corpo, através das danças e coreografia, Born e Hesmondhalgh (2000) pontuam que o processo de constituição das identidades musicais funciona como uma “ponte” entre a performance musical e as experiências corporais no campo microsocial. Ainda em relação a esta temática, deve-se destacar que a cultura da dança³ e da música aponta para essa questão das dife-

² Título original em inglês: *Michel Foucault, materialism and education*.

³ Para mais leituras sobre cultura da dança, ver Andy Bennet (2000), que descreve e analisa um evento de dança que ocorre anualmente na região de Newcastle/Inglaterra, que dura uma semana e que o autor caracteriza como dança cultural, comentando ainda sobre as músicas escolhidas, os espaços onde são realizados e os DJs e jovens que participam do evento.

renças de performances, delineando distinções entre as identidades.

Destaco que trabalho com a conceituação de identidade musical proposta por Frith – que vai permear as reflexões deste trabalho – e que será repetida como um refrão, em um movimento de dialogar e dividir, com diferentes autores, uma parte das idéias, definições, vozes e dos relatos escritos deste grupo de alunas/professoras. É ver a identidade musical como algo que vai se constituindo por muitas escutas e influências, que muda, que deixa alguns sons pelo caminho e seleciona outros, que escolhe o que gosta ou o que não gosta para ouvir ou cantar. É uma identidade musical lembrada e narrada, entremeada com memórias, fatos, locais, pessoas e sentimentos.

Nesta abordagem de Frith (1996), no que tange à constituição das identidades musicais e às opções por determinados estilos e músicas, a importância das vivências musicais corporais ganha destaque, pois, para o autor,

a música constrói nosso senso de identidade através de experiências diretas oferecidas ao corpo, em tempo e espaços sociais, experiências que possibilitam nos posicionarmos em narrativas culturais imaginativas [...] Isso é, talvez ironicamente, voltar à música através da metáfora espacial. Mas o que torna a música especial para a identidade é que ela define espaço sem limites (um jogo sem fronteiras). (Frith, 1996, p. 124-125).

Grossberg (1992) descreve algumas características das músicas de rock e as imbricações destas com as identidades e culturas juvenis, com a profusão de seus ritmos e movimentos dos corpos. Ele ressalta os caminhos que são demarcados e construídos com e através do rock como ca-

racterística ou “marca” identitária dos jovens, com novas possibilidades de participar da construção de redes temporárias de diversos assuntos da esfera cultural e social. O autor compara as identidades juvenis com as chamadas políticas da alegria⁴ em diferentes grupos, valendo-se da idéia de que eles (os jovens) representam e expressam a música – neste caso o rock – com e através do corpo. Grossberg destaca as reflexões de Walkerdine (1990) acerca de juventude e corpo, quando a autora afirma que a juventude tem um corpo e que esse corpo deve ser colocado em um lugar, sendo observado e controlado, com a sua identidade de gênero definida e sua sexualidade, policiada. Nas experiências e vivências com música, especialmente em relação aos grupos e bandas de rock, os jovens liberam muito mais esses corpos controlados, com suas coreografias e seus movimentos. O rock representaria, para esses jovens, não só uma escolha e manifestação musical, mas também uma opção cultural e “ideológica”, por meio da qual os grupos compartilham modos de viver e de vestir, hábitos e formas de se movimentar e usar o corpo.

Também tive a intenção de ligar as identidades/autobiografias e o corpo das mulheres com algumas questões propostas por Smith (1993). A autora concentra-se na história do corpo e nas intersecções com a subjetividade em várias narrativas do “eu” autobiográfico, levantando questões como:

- “Que corpo específico o sujeito autobiográfico afirma em seu texto (em suas narrativas de si)”?
- “O corpo aparece como uma identidade autobiográfica?” (Smith, 1993, p. 23).

Acredito que estas perguntas podem se relacionar com as biografias musicais que pretendo pesquisar. Nesse momento do trabalho, pretendi discutir acerca dos entrelaçamentos da identidade com subjetividade, estabelecendo conexões com minhas questões de pesquisa e buscando um referencial teórico que suportasse as discussões e aproximasse os termos, como uma “ponte” entre as duas partes. Eram identidades que se marcam e se mostram nos corpos, nas roupas, nos cortes de cabelo e penteados, nos gestos, nos termos e no vocabulário, nos adereços, nas pinturas, tatuagens e em tantas outras marcas. São identidades musicais, que se visibilizam nos corpos.

Pensando nas questões de pesquisa deste trabalho, este tópico – a relação entre corpo e alguns significados sociológicos – é também largamente discutido por Shilling (1997), e considero que será prevalente para minhas análises. A autora, em seu trabalho *The body and differences*, expõe suas idéias e defende a argumentação de que uma visão mais social e cultural de corpo

pressupõe que as visões convencionais do corpo “simplesmente biológicas” são incorretas, e sugere, ao contrário, que uma análise satisfatória da corporeidade humana requer uma apreciação de como nossa “fiscalidade” é moldada tanto por processos sociais quanto por processos “naturais”. Nesse contexto, o corpo humano é importante não somente porque nos provê das habilidades básicas para viver, mas porque ele molda nossas identidades e estrutura nossas intervenções e classificações do mundo (Shilling, 1997, p. 65).

Para encadear aspectos enfocados por Shilling em relação ao corpo, trago Foucault (1999), que, ao abordar,

⁴ Ver Grossberg (1992), a respeito das políticas de alegria (*politics of fun*), em que o autor fala destas políticas constituídas pelas manifestações musicais dos jovens, que passam pelo prazer ligado à música, ao dançar, ao ouvir e fazer música em grupos. O autor refere-se ao rock como estilo musical como estilo de vida.

em sua obra *A história da sexualidade*, o poder, a sexualidade e suas ligações com o corpo, destaca o modo como nós estamos diretamente conectados ao corpo, através de funções, processos fisiológicos, prazeres e sensações. Desta maneira, no decorrer desta pesquisa, tentei mesclar concepções de música e corporeidade com as diferentes experiências musicais vivenciadas pelos e nos corpos das entrevistadas. Percebi estes movimentos em diferentes referências: ora era “um forró” para dançar animadamente, ora uma “ária clássica para ballet”, em que o corpo deslizava com suavidade.

Ao refletir sobre corpo e diferença, Shilling (1997) faz um destaque para a análise de Foucault em relação às tensões que marcam os corpos. Ela se refere ao corpo como um produto constituído por discursos e que está sempre pronto para ser construído por eles. A autora ressalta ainda que o corpo é considerado um “local de poder discursivo e constituído por uma diversidade de forças externas” (Shilling, 1997, p. 79).

Os discursos musicais e a construção de subjetividades no corpo – articuladas ao poder deste – permitem conexões com esse tópico através do argumento de Foucault na sua obra *Microfísica do poder* (2001), na qual afirma:

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso [...] O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo [...] (Foucault, 2001, p. 146).

Ressalto que o termo discurso está sendo trabalhado neste texto em uma concepção foucaultiana, na qual o filósofo francês Michael Foucault argumenta que o discurso não pode se resumir ao mero ato de fala ou mesmo ao ato enunciativo (o conceito de enunciação para Foucault, sim, estaria mais próximo a essa idéia). O(s) discurso(s) para Foucault não está(ão) localizado(s) em um campo de exterioridade em relação aos objetos que eles, supostamente, descreveriam. Antes disso, os discursos constituem-se como “práticas que formam sistematicamente [ou não] os objetos dos quais falam” (Foucault, 2001, p. 56).

Para trazer outras abordagens sobre este tema de corpo e identidade, destaco algumas idéias de DeNora (2000), que examina os “papéis” da música no cotidiano, descrevendo e apresentando entrevistas, discutindo identidade e música. A autora afirma que a “música é um cúmplice na configuração dos corpos. Ela é a tecnologia de construção dos corpos, um instrumento que permite a capacidade, motivação, coordenação, energia e resistência” (DeNora, 2000, p. 102).

Na aproximação entre a configuração do corpo no cotidiano e a música, apresentada por DeNora, vejo como tarefa quase impossível analisar a constituição da identidade musical e das autobiografias deste grupo de mulheres sem perceber e levar em conta as diferenças dos corpos e seus processos de autoconstrução, associados a batidas rítmicas, diferentes danças, coreografias, movimentos, sons e, acima de tudo, corpos com diferentes estéticas.

Busquei, também, estabelecer uma ligação entre as diferentes narrativas, conhecendo como o corpo interagia com os discursos musicais. Creio que as escolhas e os gostos musicais, as gerações e os estilos “atravessaram” e continuam “atra-

vessando” os corpos com suas interpelações e formas de poder – que estão sendo representadas pela corporificação da música e das identidades musicais destas professoras.

A respeito desta temática, Ashcroft *et al.* (1995) associam relatos de experiências à música, dança e literatura e às relações com o corpo nestas múltiplas performances. Os autores ligam esses assuntos à diversidade de discursos da mídia e às mensagens da vida cotidiana, enfatizando que o corpo por si mesmo já tem o seu “texto”, no qual os “colonizadores” deixaram registradas mensagens gráficas.

Segundo McDonald (1999), existem vários relatos e pesquisas descrevendo as lutas pela subjetividade, principalmente envolvendo os jovens, com seus dilemas do corpo e as questões da subjetividade, encontrando exemplos desde as gangues juvenis até problemas de anorexia e corpo juvenil. O autor analisa os diferentes papéis dos atores nos campos sociais, chamando a atenção para a realidade da fragmentação e as mudanças entre diferentes corpos e corporeidade e suas implicações na constituição da subjetividade. O autor aponta, também, para a crise do “velho”, pela necessidade de emergência do “novo”, o que resulta nas lutas pela manutenção de um modelo de corpo, e ressalta que presenciamos e vivemos diferentes formas de lutas: por coerência e subjetividade, por comunicação e integridade, por conexões e por memórias e possibilidades.

Quando aproximo a temática da subjetividade à perspectiva dos estudos de Foucault (1999), encontro aspectos que possibilitam articular suas idéias a respeito de subjetividade do corpo com o prazer da música. Um deles é a argumentação acerca das mudanças do corpo, as quais são descritas ou como um momento de revolução e alegria, ou como uma

revolução e a constituição de um corpo diferente, ou, talvez, como revolução e prazer. Pretendi buscar conexões entre estas argumentações e os aspectos que possivelmente permearam as narrativas acerca das identidades musicais pelas memórias, lembrando as letras de canções, o prazer de ouvir e cantar uma música, de tocar um instrumento ou de dançar e movimentar o corpo acompanhando um ritmo ou uma melodia.

No decorrer dessa pesquisa, pude conhecer e ver alguns movimentos e coreografias narradas e descritas pelas entrevistadas como marcas identitárias que expressavam determinados ritmos ou melodias cantadas ou tocadas. Era a articulação entre identidade musical e corpo, como descreve Siriyuvasak na citação abaixo:

Esta brincalhona, porém, erótica melodia apresenta o desejo sexual, na perspectiva da mulher, como prazeroso e moderno. No entanto, a apresentação visual restrita na televisão ou em filme delimita e perturba o sentido “autorizado” dos discursos (Siriyuvasak, 1998, p. 220).

Ao fazer conexões entre músicas e corpo, através das danças, do cantar e tocar um instrumento e das coreografias diversas que as melodias nos inspiram no cotidiano (Souza, 2000) - um recorte vindo de uma pesquisa de tese acerca da constituição das identidades musicais de professoras e futuras professoras do ensino fundamental -, tive a oportunidade de conhecer um repertório musical diversificado e eclético. Ainda em relação a esta temática, devo destacar que a cultura da dança (Tomazzoni, 2005) e da música aponta para essa questão das diferenças de performances, delineando distinções entre as identidades e, desta maneira, entre o gosto musical, as nossas escolhas e as influências de diferentes grupos e discursos midiáticos.

Focalizo, por exemplo, nas características do rock, as suas letras e diferentes manifestações e as imbricações destas com as identidades e culturas juvenis, com a profusão de seus ritmos e movimentos dos corpos. Pode-se, desta maneira, delinear os caminhos que são demarcados e construídos com e através do rock como característica ou “marca” identitária dos jovens, em múltiplos contextos, com novas possibilidades de participar da construção de redes temporárias de diversos assuntos da esfera cultural e social. Juventude e corpo são temas que estão entrelaçados, pois a juventude tem um corpo, e esse corpo deve ser colocado ou está em determinados lugares, sendo observado e controlado, articulado, desta maneira, a questões que envolvem sua identidade de gênero e sexualidade.

Em muitas experiências e vivências com música, especialmente em relação aos grupos e bandas de rock, com seus líderes e artefatos culturais que os representam, os jovens têm oportunidades de liberar muito mais esses corpos controlados, por meio de suas coreografias e seus movimentos. O rock representaria, para esses jovens, não só uma escolha e manifestação musical, mas também uma opção cultural e “ideológica”, a partir da qual os grupos compartilham modos de viver, de vestir, hábitos e formas de se movimentar e usar o corpo.

Finalizando as narrativas

Ao finalizar estas reflexões sobre as narrativas femininas acerca dos corpos e das escolhas musicais, não posso deixar de destacar que as relações entre o corpo e a constituição destas identidades de mulheres/professoras permearam as vozes das entrevistadas ao longo do trabalho, assumindo muitas vezes papel de destaque nas memórias do grupo. Ressalto, também, que emergiram,

nessas narrativas, colados aos corpos dessas entrevistadas, alguns significados sociológicos que demonstram uma visão mais social e cultural dos corpos e, desta forma, articulam concepções de música e corporeidade com as diferentes experiências musicais vivenciadas pelos e nos corpos das mesmas. Percebi estes movimentos em diferentes referências e performances.

Ao examinar os “papéis” ou as funções da música no cotidiano de cada uma delas e ao discutir acerca de identidades, é possível perceber que a música participa na configuração dos corpos femininos, como um instrumento que desencadeia motivação, coordenação, energia, fadiga, resistência, prazer, dentre outros sentimentos e reações.

Não tive a intenção de fazer generalizações nem de esgotar o tema envolvendo identidades, narrativas de mulheres e corpos, mas sim, a partir de narrativas musicais do grupo, de ouvir e conhecer as diferentes trilhas sonoras que embalam estes corpos, configuram identidades, definem escolhas e atravessam, na maioria das vezes, as práticas musicais docentes deste grupo. A constituição dos corpos e as músicas possibilitam analisar a constituição das identidades musicais destas professoras com as diferenças dos corpos e seus processos de autoconstrução, associados aos diferentes ritmos, constituídos por uma multiplicidade de danças, de coreografias, de movimentos, de sons e de timbres. Creio que as escolhas e os gostos musicais, grupos, gerações e estilos “atravessaram” e continuam “atravessando” os corpos com suas interpelações e formas de poder – que estão sendo representados através da corporificação da música e das identidades musicais destas professoras e futuras professoras. Um exercício que, através das narrativas femininas, une corpos/imagens e sons.

Referências

- ASHCROF, B.; GRIFFITHS, G. e TIFFIN, H. 1995. *The post-colonial studies reader*. London, Routledge, 526 p.
- BENNET, A. 2000. Dance music, local, identity and urban spaces. In: A. BENNET (org.), *Popular music and youth culture*. London, Macmillan Press, p. 73-102.
- BORN, G. e HESMONDHALGH, D. 2000. *Western music and its others*. Los Angeles, University of California Press, 360 p.
- DE NORA, T. 2000. *Music in everyday life*. London, Cambridge University Press, 196 p.
- FERRAROTTI, F. 1988. Sobre a autonomia do método biográfico. In: A.A. NOVOA e F. MATHIAS (orgs.), *O método (auto)biográfico e a formação*, Lisboa, Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos, p. 17-34.
- FISCHER, R.M.B. 1997. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, 22(2):57-79.
- FOUCAULT, M. 1999. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 158 p.
- FOUCAULT, M. 2001. *Microfísica do poder*. 16ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 295 p.
- FRITH, S. 1996. Music and identity. In: S. HALL e P. GAY (orgs.), *Questions of cultural studies*, London, Sage, p. 108-117.
- GOODSON, I. e SIKES, P. 2001. *Life history: research in educational settings*. Buckingham, Open University Press, 130 p.
- GROSSBERG, L. 1992. *We gott get out of this place*. London, Routledge, 436 p.
- HALL, S. 1997. Who needs 'identity'? In: S. HALL e P. GAY (orgs.), *Questions of cultural identity*, London, Sage, p. 1-17.
- HALL, S. 2000. Quem precisa de identidade? In: T.T. SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, Petrópolis, Vozes, p. 103-133.
- McDONALD, K. 1999. *Struggles for subjectivity*. Cambridge, University Press, 246 p.
- NOVOA, A. 1995. Os professores e as histórias da sua vida. In: A. NOVOA (ed.), *Vidas de professores*, Lisboa, Porto Editora, p. 11-30.
- OLSSSEN, M. 1999. *Michel Foucault: materialism and education*. New York, Update Edition, 201 p.
- ROBERTS, B. 2002. *Biographical research*. Buckingham, Open University Press, 212 p.
- SHILLING, C. 1997. The body and difference. In: K. WOODWARD (org.), *Identity and difference*, London, Sage, p. 65-118.
- SIRIYUVASAK, U. 1998. Thai Pop Music and cultural negotiation in everyday politics. In: K. CHEN (org.), *Trajectories: inter Asia Cultural Studies*, London, Routledge, p. 206-227.
- SMITH, S. 1993. *Subjectivity, identity, and the body*. Bloomington, Indiana University Press, 226 p.
- SOUZA, J. (org.). 2000. *Música, cotidiano e escola*. Porto Alegre, PPG em Música/UFRGS, 188 p.
- STOKES, M. 1994. *Ethnicity, identity and music: The musical construction of place*. Berg, Oxford Press, 212 p.
- TOMAZZONI, A. 2005. O zoológico dançante da TV: lacraias, cachorras, tigrões e outros bichos. In: S. SOTER e R. PEREIRA (orgs.), *Lições de dança 5*, Rio de Janeiro, UniverCidade Editora, p. 39-54.
- TORRES, M.C.A.R. 2003. *Identidades musicais de alunas da Pedagogia: músicas, memória e mídia*. Porto Alegre/RS. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do SUL – UFRGS, 198 p.
- VILA, P. 1996. Identidades narrativas y música: una primera propuesta para entender sus relaciones. *Revista Transcultural de Música*, v. 2, nov. Disponível em <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/vila.htm>>. Acessado em 30/09/2003.
- WALKERDINE, V. 1990. *Schoolgirl fictions*. London, Verso, 328 p.

Submetido em: 10/04/2007

Aceito em: 30/05/2007

Maria Cecília Araujo Rodrigues
Torres
FUNDARTE/UERGS
Rua Capitão Porfírio, 2141, Caixa
Postal 211, 95780-000 Montenegro
RS, Brasil